

Apresentação

Experimentos políticos éticos e estéticos. Resistências e produção de novos devires.

A proposta desse dossiê tem como eixo a relação entre arte e política como produção de novos possíveis de subjetividade artista e de resistência política. Na esteira de Deleuze e Guattari, realçamos o conceito de arte como sensações que se desdobram em um composto de perceptos e afectos; e em uma política “menor”, micropolítica, que perturba e corrói uma política molar que se pauta pelo governo das condutas dispostas em instituições estatais conectadas à máquina capitalística. Os artigos que seguem são experimentos de vida artista e resistente a essa política molar.

Em seu vínculo estreito com a vida, a política, para Deleuze, não visa lutar contra os poderes para substituí-los, mas afrontar o insuportável de uma época e o intolerável da axiomática capitalista mundial. Trata-se de resistência a toda relação ou forma de poder. A política consistiria em um acontecimento ético e estético. Estético porque seus modos de existência envolvem coletividades minoritárias, aquelas que estão fora, ou seja, cujas ações, visibilidades e falas estão em desacordo com a temporalidade e seus modelos. É ético em razão da potência de afetar e ser afetado nas relações, e que inaugura uma força outra, singular em sua imanência, de habitar o mundo ou povoar a terra.

A arte, em seu composto de perceptos e afectos, não se distingue da política, porque clama por um povo que falta e uma nova terra. Perceptos não são percepções, pois não se ligam às experiências vividas por um sujeito já constituído. Perceptos são forças, não visíveis, um quantum intensivo que toca

o corpo para provocar sensações nunca dantes experimentadas. São essas forças, que são perceptos, que provocam os estados alterados da percepção, fazendo passar algo nunca visto, sentido ou falado. A política começa quando a fala e as relações vividas deixam de reproduzir uma função social para atingir o “menor”: “o indizível”, “o invivível”, “o impensável”.

Afectos, por sua vez, não se confundem com os sentimentos, tampouco correspondem à passagem de um estado vivido a outro. Os afectos não constituem as afecções ou estados de um corpo, mas são devires provocados pela “vergonha de ser homem”, ou seja, aquele que estabelece com sua época um compromisso espúrio.

Os artigos que se seguem são experimentos micropolíticos de dança, música, performance, literatura...que dão visibilidade aos perceptos e liberam os devires. Espera-se afetar não somente as potências de individualidades, mas aquelas de um campo social. E, quiçá, com isso se visualize o intolerável e este se erga por algo não pessoal, mas político. Ecoando os dizeres de Deleuze: fazer nascer o povo que falta em nós.

Silvana Tótora

Professora da PUC/SP e pesquisadora do NEAMP